

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

GRUPO DE TRABALHO “GÊNERO E SAÚDE”

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA- EPI-RIO

RELATÓRIO DE OFICINA DE TRABALHO

“Gênero: uma categoria útil de análise em Epidemiologia”

Coordenação: Estela Aquino

DATA : 1 e 2 de agosto de 1998

LOCAL:Rio de Janeiro (RJ)

1. Introdução

Na última década, tem crescido o interesse na incorporação da categoria gênero nos estudos sobre a saúde, com a perspectiva de superar o tradicional enfoque materno-infantil e desnaturalizar as diferenças entre homens e mulheres no processo saúde e doença. Como resultado, constata-se uma mudança nos trabalhos divulgados em congressos, reuniões científicas e periódicos especializados, a qual se traduz na visibilização de temas como a violência doméstica e sexual, o trabalho doméstico e a dupla jornada como fontes de estresse e desgaste à saúde, a sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis etc. Na Epidemiologia, embora a variável sexo seja analisada na maioria dos estudos, as diferenças entre homens e mulheres persistem sendo naturalizadas. Contudo, já é possível identificar iniciativas de incorporação da perspectiva de gênero na análise de perfis epidemiológicos e de processos saúde-doença.

Na década de 80, a drástica mudança no padrão de procriação e o aparecimento da AIDS propiciaram a busca de novas referências teóricas que superassem as insuficiências do instrumental clássico da Epidemiologia na análise de questões como o crescimento da gravidez na adolescência, apesar da queda generalizada em outras idades, e a expansão das DST para além dos chamados “grupos de risco”. A necessidade de identificar os contextos

específicos onde se dá o risco de adoecer, ou mesmo de engravidar, tem motivado o recurso aos métodos qualitativos, em um esforço de interdisciplinaridade, para abordar aspectos culturais e simbólicos, formas de interação entre diferentes atores sociais, comportamentos e identidades sexuais. Neste contexto, o recurso às teorias sociais e, particularmente, às teorias de gênero, tem sido identificado como uma alternativa necessária e promissora.

Esta oficina teve como principal objetivo a formulação de propostas baseadas em experiências concretas e reflexões críticas para a incorporação do gênero na investigação epidemiológica. Pretendeu-se identificar problemas e pontos críticos e definir estratégias e ações para superá-los.

Para cumprir seus objetivos, a Oficina foi organizada do seguinte modo¹:

- * inicialmente, após uma breve apresentação sobre o tema (Expositor: Edgar Merchán-Hamann), foram constituídos três grupos, onde buscou-se identificar, a partir das experiências concretas (individuais e de grupo) o que está sendo feito e o que pode ser feito, em relação ao objeto, à metodologia de produção e análise de dados, para a incorporação da categoria gênero;
- * posteriormente, os/as participantes foram redivididos em dois grupos, respectivamente, para sistematizar um diagnóstico de situação, a partir do material produzido sobre o que está sendo feito, e um elenco de propostas com respectivas estratégias.

Participaram da Oficina 19 pesquisadores/as, em sua quase totalidade, epidemiologistas ligados a instituições acadêmicas (Anexo 2).

2. Gênero e Epidemiologia: situação atual

Inicialmente, houve um reconhecimento das potencialidades da incorporação do gênero em Epidemiologia na ampliação do objeto, ao permitir a desnaturalização das diferenças entre homens e mulheres e a desconstrução da perspectiva essencialista de

homem e mulher como categorias universais. Isso tem permitido superar lacunas do conhecimento, com a investigação de temas negligenciados, como a violência doméstica, a sexualidade e a saúde, masculinidade etc. Também, vem permitindo novas abordagens a temas tradicionalmente discutidos pela epidemiologia, de modo naturalizado, como a mortalidade materna, a contracepção, a adolescência etc. Apesar disso, foi identificada a persistência da falta de legitimidade dessa perspectiva teórico-metodológica na Epidemiologia, além de um significativo isolamento dos pesquisadores que incorporam gênero nos seus objetos de estudo.

Não obstante ser geral a consciência de que a categoria gênero requer a desnaturalização da noção de sexo, constatou-se que na operacionalização das pesquisas essas categorias muitas vezes tem sido confundidas; desse modo, a utilização do termo gênero vem se generalizando nos estudos epidemiológicos, como mera substituição a sexo, mas esvaziado de seu significado de organização social das relações entre os sexos e de suas dimensões culturais e simbólicas.

As experiências em curso têm buscado abordagens interdisciplinares na construção de objetos complexos, com a combinação de métodos quantitativos e qualitativos de investigação em suas várias etapas. Além da adoção de desenhos híbridos de estudo, o recurso aos métodos qualitativos tem contribuído, tanto na coleta de dados, com a construção de instrumentos “culturalmente sensíveis”, quanto na análise, orientando a construção de indicadores complexos e modelos multivariados hierarquizados.

Constatou-se a existência de tentativas de operacionalização nos estudos epidemiológicos do conceito de gênero, a exemplo do que se buscou em relação a classe social. Do mesmo modo que ocorreu com este último, identificou-se que não há consenso quanto à pertinência destas tentativas, já que há os que defendem ser o gênero um conceito

¹Dinâmica concebida por Ana Costa, Simone Guerresi e Edgar Hamann (UNB) (roteiro no Anexo1).

teórico cuja operacionalização não seria imediata, mas requereria mediações, para sua investigação empírica.

Enfatizou-se a riqueza das análises sobre desigualdades sociais, que articulam gênero a outras categorias como classe social e raça/etnia, assumindo a transversalidade do conceito, mesmo quando isso se limita ao plano teórico, na construção do objeto e na interpretação dos achados empíricos.

3. Perspectivas de incorporação da categoria gênero à investigação

epidemiológica: propostas e estratégias

Primeiramente, reiterou-se como fundamental o aprofundamento da tendência identificada nas experiências em curso de busca da interdisciplinaridade, com a ampliação de temas a serem contemplados e o desenvolvimento de investigações que articulem diferentes dimensões do real (individual e coletivo). Também é desejável reforçar a perspectiva relacional do gênero, entendendo os sujeitos de pesquisa como sujeitos sexuais (com identidades construídas). Isso levaria à superação da ênfase atual na saúde reprodutiva, inclusive como equivalente à saúde das mulheres, incluindo homens nos estudos sobre este tema e iluminando outros temas como aqueles relacionados à saúde ocupacional e à violência. Para isso, torna-se necessário adequar metodologias, instrumentos e técnicas para contemplar a perspectiva relacional do gênero e detectar diferenças culturais e simbólicas entre homens e mulheres.

Em segundo lugar, identificou-se como potencialidade a ampliação do conceito de saúde/doença, para além da clínica, somando-se a outras iniciativas que assumem a diversidade de concepções culturais e incorporam as teorias sociais para repensar a totalidade dos modelos de investigação epidemiológica.

A partir do reconhecimento de que existe atualmente uma concentração dos estudos epidemiológicos que incorporam gênero na análise de situação de saúde ou de

determinantes do processo saúde/doença, recomendou-se o estímulo às pesquisas com esta abordagem para a avaliação de políticas, programas, projetos e tecnologias.

Também ressaltou-se a necessidade de aperfeiçoar a produção rotineira de informações em saúde, incluindo suas dimensões não sistematizadas, que permitam trabalhar na perspectiva de gênero, não apenas como práticas de pesquisa mas também nas ações de vigilância à saúde.

Reconheceu-se as dificuldades envolvidas na proposta de interdisciplinaridade, a qual passa necessariamente pela constituição de equipes multidisciplinares de pesquisa e pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento de procedimentos de coleta e de análise. Quanto a este último aspecto, identificou-se a necessidade de desenvolver análises estatísticas mais apropriadas à incorporação de uma efetiva hierarquia nas variáveis explicativas, constatando-se que, no momento, os modelos hierarquizados de análise representam uma alternativa que deve ser explorada e aperfeiçoada.

Por último, considerando-se que as iniciativas existentes restringem-se ao desenvolvimento de estudos empíricos, é recomendável o estímulo ao debate e à produção teórica sobre gênero e saúde, de modo a embasar as pesquisas neste campo.

Outras estratégias apontadas para a viabilização de propostas de incorporação do gênero em Epidemiologia foram as seguintes:

- sensibilizar os epidemiologistas para as propostas através da realização e/ou participação em atividades científicas;
- estimular o debate epistemológico sobre gênero e saúde e a divulgação de avanços e impasses metodológicos, promovendo o intercâmbio de experiências entre grupos na análise e na interpretação de resultados de pesquisas afins;
- fortalecer e expandir iniciativas já existentes de formação de recursos humanos em saúde, particularmente de pesquisadores/as, incorporando a temática de gênero em disciplinas e cursos de Epidemiologia;

- estimular o desenvolvimento de investigações empíricas sobre gênero e saúde, de modo a contribuir para um melhor entendimento sobre os limites e possibilidades deste enfoque em Epidemiologia;
- intensificar o diálogo com as instâncias produtoras de informações em saúde com o objetivo de garantir a inclusão de variáveis que permitem análise na perspectiva de gênero.

Para finalizar, os participantes reunidos nesta Oficina reiteram sua posição de que a incorporação da categoria gênero em Epidemiologia poderá enriquecer o debate sobre equidade em saúde, trazendo novas contribuições para a reflexão sobre o processo saúde/doença, ampliando conceitos, além do potencial impacto destas na própria reformulação no modelo assistencial.

ANEXO 1 ~ ROTEIRO DA OFICINA

1) ABERTURA/APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

2) PALESTRA

3) TRABALHO EM 3 GRUPOS

Questão: Para incorporação da categoria gênero, no seu trabalho de investigação epidemiológica,...

Relativo a	O QUE ESTÁ SENDO FEITO?	O QUE PODE SER FEITO?
1. OBJETO/ENFOQUE		
2. METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS		
3. METODOLOGIA DE ANÁLISE		

- Cada um responde, nos cartões, todos os quadrantes que puder responder (uma idéia-chave por cartão);
- Após todos terem respondido todos os seus cartões, irão colar no quadrante correspondente;
- Cada pessoa apresenta os seus cartões, argumentando a resposta;
- Após todos terem argumentado, agrupar os cartões por afinidades e sintetizar cada agrupamento, de forma que restará o elenco de propostas apresentadas para cada quadrante.

4) TRABALHO EM 2 GRUPOS (um para trabalhar o que está sendo feito e o outro para trabalhar o que pode ser feito).

- **O QUE ESTÁ SENDO FEITO**
Sistematizar o trabalho dos três grupos e definir, para cada uma das propostas, COMO ESTÁ SENDO FEITO.
- **O QUE PODE SER FEITO**
Sistematizar o trabalho dos três grupos, excluir o que estiver contemplado no grupo de o que está sendo feito e definir, para cada uma das propostas, COMO FAZER.

5) PLENÁRIA

ANEXO 2 - PARTICIPANTES DA OFICINA

GT GÊNERO E SAÚDE DA ABRASCO

Ana Maria Costa

Núcleo de Estudos de Saúde Pública – NESP/UNB
SCLN 406 – I A sala 223 – Asa Norte
70847-510 – Brasília – DF
Telefax: (061) 340-6629/340-6863
E-mail: anamariacosta@nutecnet.com.br

Estela Maria Motta Lima Leão de Aquino
MUSA – Instituto de Saúde Coletiva
Rua Padre Feijó, 29 4º andar – Canela
40110-170 – Salvador – Ba
Tel.: (071) 245-0544
Fax.: (071) 237-5856
E-mail: estela@ufba.br

Regina Maria Barbosa
Instituto de Saúde/SES/SP
Rua Santo Antonio, 590 – 2º andar – Bela Vista
01314-000 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 3105-9047
Fax.: (011) 3106-7328
E-mail: rmbarbos@usp.br

CONVIDADOS/AS

Ana Bernarda Ludermir

UFPE
Praça Conselheiro João Alfredo, 32 – Carmo
53020-460 – Olinda – PE
Telefones: (081) 429-0971/271-8553
Fax.: (081) 271-8551

Ana Flávia d'Oliveira

Centro de Saúde Escola do Butantã-FMUSP
Av. Apinages, 854 aptº 07 – Sumaré
05017-000 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 864-8153
Fax.: (011) 212-1690
E-mail: aflolive@usp.br

Andréa de Souza Gama

Escola Nacional de Saúde Pública (FIOCRUZ)
Núcleo de Gênero e Saúde
Rua Leopoldo Bulhões 1480 – 824 A – Manguinhos
21041-210 – Rio de Janeiro/RJ
Telefax.: (021) 290-0387
E-mail: andrea@ensp.fiocruz.br

Antonia de Jesus Angulo – Tuesta
Escola Nacional de Saúde Pública (FIOCRUZ)
Núcleo de Gênero e Saúde
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 – 824 A – Manguinhos
21041-210 – Rio de Janeiro – RJ
Telefax.: (021) 290-0387
E-mail: antonia@ensp.fiocruz.br

Débora Tajer
Est Mujer – UBA
Red de Genero y Salud Colectiva (ALAMES)
Av. Chenaut, 1837 11° A (1426)
Buenos Aires – Argentina
Telefax: (541) 775-2891
E-mail: dtajer@psi.uba.ar

Edgar Merchan Hamann
Departamento de Saúde Coletiva
Faculdade de Ciências da Saúde – UNB
Campus Universitário Darcy Ribeiro
70910-900 – Brasília – DF
Tel.: (061) 274-7022
Fax.: (061) 274-7022
E-mail: hamann@guarany.unb.br

Elisabeth Meloni Vieira
Av. Higienópolis 536/502
01238-000 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 826-0183
E-mail: emeloni@ibm.net

Estela Maria G.P. da Cunha
Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP)
Caixa Postal 6166
Cidade Universitária Zeferino Vaz
Distrito de Barão Geraldo
13083-970 – Campinas – SP
Tels. (019) 788-5895/5902
Fax. (019) 788-5918/788-5900
E-mail: maira@turing.unicamp.br

Greice Maria de Souza Menezes
MUSA – Instituto de Saúde Coletiva
Rua Padre Feijó, 29 4° andar – Canela
40110-170 – Salvador – Ba
Tel.: (071) 245-0544
Fax.: (071) 237-5856
E-mail: greice@ufba.br

Ivan França Júnior
USP
Avenida Dr. Arnaldo, 715/2° andar – HSM
01246-904 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 3066-7702
Fax. (011) 853-0240

E-mail: ifjunior@usp.br
Maria de Fátima Marinho de Souza
USP
Rua João Ramalho, 586 – aptº 161 – B – Perdizes
05008-001 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 852-6822
Fax.: (011) 280-7891
E-mail: mfmsouza@usp.br

Maria Teresa Anselmo Olinto
UFPel
Rua General Neto 625/702
96015-280 – Pelotas – RS
Tel.: (0532) 222972 (0532) 712442
Fax.: (0532) 712645 (0532) 255621
E-mail: mtolinto@nutecnet.com.br / mtolinto@zaz.com.br

Marina Ferreira Rea
Instituto de Saúde/SES-SP
Rua Haddock Lobo, 1649/131
01414-003 – São Paulo – SP
Tel.: (011) 3106-7328/3064-5235
Fax.: (011) 3106-7328
E-mail: marifrea@isaude.sp.gov.br

Roberto Passos Nogueira
IPEA
SHIS Ql 20 Conj. 2 casa 20 – Lago Sul
71650-125 – Brasília – DF
Tel.: (061) 315-5119
Fax.: (061) 366-3305
E-mail: nogueira@ipea.gov.br

Sandra Valongueiro Alves
SES/PE
Rua Manoel de Almeida, 128/101 – Graças
52011-140 – Recife – PE
Tel.: (081) 423-1578
Fax.: (081) 412-6276
E-mail: branca@netpe.com.br

Thália Velho Barreto de Araújo
UFPE
Rua Dr. Moreira Alves, 39 – Carmo
53120-480 – Olinda – PE
Tel.: (081) 429-3003
Fax.: (081) 271-8527
E-mail: rximenes@elogica.com.br